

O BANCÁRIO

O único jornal diário dos movimentos sociais no país

Edição Diária 9081 | Salvador, segunda-feira, 12.05.2025

Presidente em exercício Elder Perez



DEMOCRACIA SOCIAL

Volta por cima

A democracia social é o melhor caminho rumo a uma sociedade mais solidária e humana. O Brasil é um exemplo. Com políticas públicas e o fortalecimento do emprego, o país avança

na direção de um futuro mais justo e os números mostram. A massa de rendimento mensal domiciliar per capita alcançou R\$ 438,3 bilhões, alta de 15% ante 2019. Página 4

Encontro das BANCÁRIAS da Bahia e Sergipe

17 MAIO 2025 9H ÀS 17H SALVADOR BAHIA

JUNTAS POR IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO TRABALHO E NA VIDA!

LOCAL GINÁSIO DE ESPORTES DOS BANCÁRIOS

FEEB FEDERAÇÃO DOS BANCÁRIOS DOS ESTADOS DA BAHIA E SERGIPE

CTB

Encontro das Bancárias reúne grandes nomes

Página 2



Os brasileiros voltam a sorrir com a retomada das políticas públicas que dão prioridade ao povo



Congressos e Conferências de 2025 são prévias para 2026

Página 3

Debates de alto nível

Evento ocorre sábado, com especialistas em direito, gestão pública e economia

ROSE LIMA
imprensa@bancariosbahia.org.br

SÁBADO promete ser um dia especial para as bancárias da Bahia e Sergipe. Das 9h às 17h, o Ginásio de Esportes dos Bancários será palco de um encontro poderoso, voltado ao fortalecimento, à escuta e à valorização das mulheres que atuam no setor bancário. Com vagas limitadas, o evento, organizado pela Federação, busca criar um espaço acolhedor de troca de ideias, forma-

ção e empoderamento feminino.

A programação é de peso e tem nomes de referência. Rita Serrano, ex-presidente da Caixa e defensora histórica dos bancos públicos; Ana Georgina Dias, economista do Dieese Bahia, que traz uma análise qualificada da realidade do trabalho bancário; e as advogadas Beatriz Nóvoa e Joana Rodrigues, especialistas em direitos das mulheres e relações de trabalho.

Além do conteúdo, a estrutura foi cuidadosamente pensada para garantir o conforto das participantes. O ginásio é climatizado e contará com toda a infraestrutura necessária para um dia inteiro de atividades com tranquilidade e acolhimento. E para as mães, uma excelente notícia: haverá serviço de creche com monitores especializados para crianças entre 3 e 12 anos, garantindo diversão e segurança enquanto elas participam das discussões.

O Encontro das Bancárias será um espaço de escuta ativa e construção coletiva, onde as participantes poderão compartilhar experiências, discutir os desafios da profissão e pensar juntos caminhos para um ambiente de trabalho mais justo e inclusivo.



Beatriz Nóvoa, Joana Rodrigues, Rita Serrano e Ana Georgina participam

Envelhecimento saudável é direito

A **DÉCADA** do Envelhecimento Saudável (2021–2030), promovida pela ONU e OMS, tem como objetivo melhorar a vida das pessoas idosas. No Brasil, porém, envelhecer com dignidade ainda é privilégio de poucos. A desigualdade social e o modelo econômico ultraliberal dificultam o acesso da maioria à saúde, ao lazer e ao bem-estar.

O modelo, baseado na exploração dos trabalhadores, é incompatível com um envelhecimento saudável. Para garantir qualidade de vida na velhice, é preciso acesso a políticas públicas, serviços de saúde integral, espaços de convivência e oportunidades para bem-estar físico e mental.

A maioria da população chega à velhice marcada por adoecimentos físicos e emocionais impostos pela agenda ultraliberal.

É urgente romper com a lógica que trata o envelhecimento saudável como privilégio

e o Sindicato dos Bancários da Bahia reafirma esse compromisso. Todos os sábados, promove atividades para os aposentados manterem a ação, afinal cuidar de si é um ato de resistência.

Yoga: das 8h45 às 9h45

Dança: das 10h às 12h

Local: Salão de eventos do Ginásio dos Bancários, Ladeira dos Aflitos.



Sindicato oferece Yoga gratuita aos aposentados

TEMAS & DEBATES

Clóvis Moura, 100 anos do insurgente contra o racismo

Everaldo Augusto*

O mito de democracia racial no Brasil é um discurso ideológico para negar direitos à população negra, para contestar, naturalizar e evitar punir o racismo. Sempre esteve assentado na tese da passividade dos escravizados. Durante muito tempo esta ideia foi hegemônica no nosso pensamento social. Contudo, a partir da obra de Clóvis Moura, caracterizando a racismo estrutural como elemento fundante do Estado brasileiro, iniciou-se um processo de desmonte desta tese e, posteriormente, passou a existir uma contestação aberta ao mito de democracia racial e por políticas de reparação.

Em *Rebeliões da Senzala*, livro de estreia de Clóvis Moura, publicado em 1959, ele registra, pela primeira vez, a questão de classe e raça como dois quesitos inseparáveis para explicar o processo de escravidão e do racismo estrutural no país. O pressuposto básico é o papel ativo do negro na resistência à escravidão. Contudo, reconhece as limitações do processo: “Com exceção da experiência de conteúdo controvérsado do Haiti, nenhum movimento de escravos conseguiu estabelecer Estado próprio. O papel dessas lutas foi sempre outro: solapar as bases materiais e, conseqüentemente, as relações de trabalho existentes entre senhor e escravo”. Entretanto, ele continua, “O escravo era o esqueleto que sustentava os músculos e a carne da sociedade escravista, porque era o produtor da riqueza geral, através do seu trabalho”.

O que é inovador na obra de Clóvis Moura é a utilização do marxismo como método de análise da sociedade escravocrata. Para ele, não tem como analisar o período sem levar em conta as contradições de classe entre senhor e escravo (...).

Clóvis Moura demonstrou que a obra da escravidão sempre esteve presente na estrutura do Estado brasileiro, nas leis e instituições. O racismo estrutural está na origem do sofrimento de milhões de negros e negras, relegados à periferia da sociedade, ocupando as mais desqualificadas vagas do mercado de trabalho, submetidos às barreiras intransponíveis e invisíveis no acesso à educação, colocados longe das instâncias de poder, superlotando as prisões e, muito frequentemente, precocemente, sendo vítimas da violência policial. A atualidade da obra de Clóvis Moura está em desnudar esta realidade e ser um guia para as políticas de reparação.

*Everaldo Augusto, presidente da Fundação Maurício Grabois-Secção Bahia.

*Artigo completo no site

Texto com, no máximo, 1.900 caracteres

Campos Neto no Nubank: era emprego garantido?

APÓS saída da presidência do Banco Central, no fim de dezembro de 2024, Roberto Campos Neto, menos de cinco meses depois, foi anunciado como vice-presidente global do Nubank. O fato por si só já levanta suspeitas. Se levado em consideração as medidas tomadas durante a gestão no BC, a situação se torna ainda mais escandalosa.

No período em que esteve à frente da empresa, foi autor de diversas medidas que beneficiaram as fintechs. Flexibilizou pagamentos por Pix, e acelerou a implementação do Open Finance.

A transição público-privada chama atenção, especialmente pelo curtíssimo período de tempo entre os cargos. Afinal, há quanto tempo existe a aproximação? Qual a garantia de que a nomeação não é recompensa por serviços prestados ao Nubank, enquanto Campos Neto presidiu BC? É válido ressaltar que entre 2019 e 2024, a receita da fintech saltou de R\$ 1,5 bilhão para R\$ 11,2 bilhões. Estranho.



Mobilização pela defesa dos direitos e avanços nas conquistas tem de ser permanente, afinal os bancos seguem com a política de exploração aos bancários e clientes

Organização para novas conquistas

Calendário de ações da categoria já está definido. Fique atento e participe

ANA BEATRIZ LEAL
imprensa@bancariosbahia.org.br

NA CATEGORIA, a luta por melhores condições de trabalho é constante. A lista de demandas é grande e requer planejamento. Por isto, o Comando Nacional dos Bancários organiza as mobilizações deste ano.

O calendário já foi aprovado. A 27ª Conferência Nacional dos Bancários acontece de 22 a 24 de agosto, em São Paulo. Antes, no dia 21, ocorre a abertura solene conjunta dos congressos de bancos públicos.

O 35º CNFBB (Congresso Nacional dos

Funcionários do Banco do Brasil), o 40º Conecef (Congresso Nacional dos Empregados da Caixa), além dos encontros nacionais dos funcionários do Bradesco, Itaú e Santander acontecem no dia 22 de agosto, também em São Paulo.

Importante lembrar que ano passado a categoria aprovou a renovação da CCT (Convenção Coletiva de Trabalho), com vigência até a data-base de 2026. O documento garantiu reajuste de 4,64% no ano passado, aumento real de 0,9%. Para 2025, o ganho real será de 0,6%.

Embora o acordo bianual tenha garantido a manutenção das conquistas da CCT, sem dúvida alguma, ainda há muitas questões a serem ajustadas no que diz respeito aos direitos dos bancários. Por isto, a luta continua e é permanente.

Bradesco: a cortina do desemprego é o lucro

O **BRDESCO** registrou lucro líquido de R\$ 5,86 bilhões no primeiro trimestre deste ano. O número representa aumento de 39,3% em comparação com o mesmo período do ano passado. O crescimento, celebrado pela empresa, vem à base de demissões, fechamento de unidades e uma política de metas adoecedora.

A estratégia por trás do lucro é clara: enxugar gastos às custas dos trabalhadores e da população. Em um ano (março de 2024 a março de 2025) foram fechadas 420 agências e postos de atendimento no país.

O modelo de gestão não é moderno, nem eficiente — é perverso. Sacrifica empregos e famílias para alimentar a rentabilidade dos acionistas. O bancário que fica é submetido a acúmulo de funções, metas abusivas, adoecimento e desvalorização constante.



O **PAPEL** das Comissões de Empresa, a identificação dos problemas enfrentados e das soluções das questões foram pauta de discussão dos integrantes das COEs da Caixa, Banco do Brasil, Bradesco, Santander e Itaú. A reunião conjunta terminou na sexta-feira, em São Paulo.

Depois das discussões, cada comissão deve elaborar um planejamento próprio. Os bancários da Bahia e Sergipe foram representados pelos dirigentes sindicais Fábio Ledo (Banco do Brasil), Emanuel Souza (Caixa), Adelmo Andrade e José Antô-

Comissões fazem planejamento conjunto



SBBA e Feeb em reunião das COEs

nio dos Santos (Santander), Luciana Dória (Itaú) e Ronaldo Ornelas (Bradesco).



Governo retoma políticas públicas e melhora a vida de quem mais precisa

Balança social: a desigualdade cai, renda cresce

Emprego, salário e programas de inclusão garantem os avanços

ANA BEATRIZ LEAL
imprensa@bancariosbahia.org.br

OS BRASILEIROS colhem os frutos da vitória da democracia social nas urnas em 2022. O compromisso com a população, as políticas públicas voltadas para quem mais precisa e a valorização do salário mínimo, aos poucos mudam a realidade do povo. Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostram um marco histórico: a desigualdade despencou e a renda cresceu.

Ano passado caiu ao menor nível desde 2012 e a renda média das famílias atingiu o maior valor já registrado. De acordo com a Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), a massa de rendimento mensal domiciliar per capita somou inéditos R\$ 438,3 bilhões. Alta de 5,4% em relação a 2023, e 15% superior a 2019, último ano antes da pan-

demia de Covid-19.

O rendimento médio mensal real por pessoa chegou a R\$ 2.020,00, aumento de 4,7% em 12 meses e 19,1% acima de 2012, ano inicial da série histórica. Foram observados outros recordes: rendimento total da população com renda (R\$ 3.057,00), no rendimento do trabalho (R\$ 3.225,00) e no valor médio recebido de programas sociais do governo (R\$ 836,00).

O número de brasileiros com algum tipo de rendimento também jamais foi visto: 143,4 milhões de pessoas. Já os beneficiários de programas sociais somaram 20,1 milhões.

Além de mais dinheiro no bolso, o Brasil também caminha para acabar com a miséria. Houve queda histórica dos indicadores de desigualdade. O índice de Gini recuou para 0,506, menor nível registrado. O avanço é resultado do fortalecimento do emprego, do crescimento do rendimento entre os que ganham menos, do reajuste do salário mínimo acima da inflação, além dos programas de transferência de renda.



SAQUE

Rogaciano Medeiros

MOTIVO BÁSICO A escolha do norte-americano Robert Francis Prevost, Papa Leão XIV, da linha de Francisco, sugere um papado útil ao enfrentamento da escalada global da extrema direita, por um motivo básico e simples: figuras como Trump, Bolsonaro, Milei e iguais têm ideias e práticas que desprezam a vida, a solidariedade e a diversidade, quer dizer, a essência da pregação de Cristo.

RUMO CRISTÃO Manter a Igreja Católica como freio e contrapeso ao fascínio. É o que se espera do Papa Leão XIV, como seguidor de Francisco, que tanto fortaleceu a civilidade. A expectativa é de um papado voltado à valorização da pessoa humana, do meio ambiente e da fraternidade cristã. Será uma inestimável contribuição à humanidade e ao processo civilizatório.

RESISTÊNCIA, SEMPRE A afirmação de Putin nas comemorações pelo 9 de maio, Dia da Vitória, de que “a Rússia será sempre uma barreira inquebrantável para o nazismo”, torna-se bem atual, em uma conjuntura geopolítica na qual o Brics, que o Brasil integra, afirma-se como principal bloco de resistência à nova versão fascista, a agenda ultraliberal tão defendida por Trump e Bolsonaro.

DEU XABU O STF tem honrado o Brasil, os brasileiros e a democracia. Como faz agora, ao responder, com base na lei, manobra na Câmara para suspender a ação penal contra Ramez, por conspiração para golpe de Estado, e também beneficiar Bolsonaro. O Supremo já avisou que o julgamento prossegue normalmente. A Justiça não será obstruída. Cadeia à vista para os golpistas.

CISÃO REPUBLICANA A observação do ministro de Portos e Aeroportos, Sílvio Costa Filho, de que está redondamente enganado quem imagina o governo fragilizado na eleição do próximo ano, mostra o Republicanos dividido com a pré-candidatura de Tarcísio de Freitas à presidência da República. Os dois são do mesmo partido. O próprio governador admite preferir disputar a reeleição em São Paulo.

Diferença entre ricos e pobres continua alta

O BRASIL atingiu a menor diferença de renda entre ricos e pobres desde 2012. Os 10% mais ricos ganham 13,4 vezes mais do que os 40% mais pobres, que têm uma renda média de R\$ 601,00.

Embora a desigualdade tenha diminuído em relação a 2018, quando a diferença era de 17,8 vezes, ainda há um grande abismo. O 1% mais rico, por exemplo, tem uma renda 36,2 vezes maior que os 40% mais pobres.

A disparidade reflete realidades opostas: enquanto uma pequena parcela da população vive com luxos, muitos brasileiros enfrentam dificuldades para cobrir as necessidades básicas, como alimentação e contas essenciais.

